



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O USO DA SAIA POR MULHERES PENTECOSTAIS: INFLUÊNCIAS PARA ALÉM DA NORMATIVA BÍBLICA

The Use of Skirt by Pentecostal Women: Influences Beyond Biblical Normatives

Ribas, Quézia Elisama; Ma; Universidade do Estado de Santa Catarina, quezia.ribas@gmail.com¹
Silveira Neto, Walter Dutra; PhD; Universidade do Estado de Santa Catarina, walter.silveira@udesc.br²
Novelli, Daniela; PhD; Universidade do Estado de Santa Catarina, daniela.novelli@udesc.br³

Resumo: A saia é uma característica típica na aparência das mulheres da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD). O que se sabe sobre esse traço de comportamento é que se origina de costumes sociais dos fundadores suecos, ou espelha valores culturais da época da fundação, que assumiram ares de regra bíblica. Para explorar tal lacuna, esta pesquisa tem como objetivo identificar as influências que impulsionaram a determinação do uso da saia como vestimenta padrão para as mulheres da IEAD.

Palavras-chave: Saia; Igreja Evangélica Assembleia de Deus; Moda Modesta.

Abstract: The skirt is a typical feature of the appearance of women in the Evangelical Assembly of God Church. What is known about this behavioral trait is that it originates from the social customs of the Swedish founders, or reflects cultural values from the founding period, which took on the appearance of biblical rules. To explore this gap, this research aims to identify the influences that led to the adoption of the skirt as standard attire for IEAD women.

Keywords: Skirt; Assembly of God; Modest Fashion.

¹ Pesquisadora bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado Santa Catarina (FAPESC). Mestranda em Design de Vestuário e Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Especialista em Design de Experiência do Usuário (Ux Design) pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE, 2019). Bacharel em Design com habilitação em Moda (UNIVILLE 2012).

² Docente efetiva do Bacharelado em Design da UDESC e permanente do Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda do PPGMODA da UDESC. Doutor em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC. Especialista em informática na Agropecuária pela Universidade Federal de Lavras. Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pela Universidade Católica de Pelotas.

³ Docente efetiva do Bacharelado em Moda da UDESC e permanente do Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda do PPGMODA da UDESC. Pós-doutorado pela Université Paris-Sorbonne Paris IV. Doutora em Ciências Humanas pela UFSC, com estágio de doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Mestre em História pela UDESC. Especialista em Moda: Criação e Produção pela UDESC. Bacharel em Moda, com habilitação em Estilismo pela UDESC.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

O vestuário modesto, quando motivado por preceitos religiosos, é frequentemente associado a mulheres cristãs pentecostais no Brasil (LEWIS, 2015). Apesar da religião no Brasil ser diversificada, caracteriza-se principalmente pela presença do cristianismo, o que torna o Brasil um ator expressivo no cenário cristão mundial, o segundo país com mais cristãos no mundo (FERNANDES, 2021). Um grupo expressivo dentro desse cenário cristão é o movimento pentecostal, que no Brasil possui 25 milhões de seguidores (FERNANDES, 2021). A maior comunidade dentro do pentecostalismo no Brasil é a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD), sendo considerado o maior grupo do movimento no mundo (FAJARDO, 2024).

A comunidade assembleiana possui algumas características que se tornaram marca registrada do movimento. Segundo Alencar (2000), a vestimenta é uma das características que tornou-se folclórica, a ponto de uma assembleia ser identificada em qualquer ambiente. Dentre as simbologias típicas na aparência da mulher assembleiana, a peça do vestuário mais representativa é a saia (CEZAR, 2010). Além de possuir significado relevante para a IEAD, a saia feminina possui significados para mulheres de religiões distintas, e mulheres sem religião também, revela estudo de Silva e Pépece (2022). Vale ressaltar, que outros grupos pentecostais também possuem normas de usos e costumes, em alguns casos até mais rigorosas, como na Igreja Pentecostal Deus é Amor. No entanto, o foco principal deste estudo é a IEAD.

Nesse sentido, apesar do estereótipo da mulher assembleiana que usa saia se relativizar na contemporaneidade, o movimento ainda preserva um *ethos* enraizado. Mulheres em posições de liderança dentro do movimento ou com visibilidade no âmbito público, frequentemente mantêm o uso da saia. Um exemplo disso, é a vereadora assembleiana de esquerda Aava Santiago, que usou vestido em sua aparição no programa “Conversa com Bial” (GNT, 2025), evidenciando a permanência dessa tradição em contextos de exposição. Além disso, no dia seguinte à exibição do programa, que lhe conferiu significativa visibilidade e um aumento de mais de 15 mil novos seguidores em seu *Instagram*, a vereadora compartilhou registros do programa e suas atividades parlamentares (SANTIAGO, 2025). Nessas novas aparições públicas, a escolha indumentária da vereadora manteve o padrão de vestidos, o que remete diretamente ao uso da saia.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Porém, o que se sabe sobre alguns desses traços de comportamento que conformam a identidade do grupo, é que originam-se de costumes sociais dos fundadores suecos ou valores culturais da época da fundação, que assumiram ares de regra bíblica (ALENCAR, 2000). Neste sentido, entende-se que a vestimenta das mulheres na IEAD ocorre da interação entre fundamentos bíblicos e signos culturais. Assim, é oportuno desenvolver um estudo que descreva essa relação, durante a concepção dos usos e costumes para as mulheres deste movimento religioso.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é identificar as influências que impulsionaram a determinação do uso da saia como vestimenta padrão para as mulheres da IEAD no Brasil. Para tanto, realizou-se um estudo teórico, que propõe criar um panorama entre as direções vestimentares da organização e o cenário histórico do período em que tais exigências são implementadas. Neste sentido, a presente pesquisa é de natureza básica, com abordagem qualitativa e descritiva, tendo como procedimentos técnicos a revisão bibliográfica articulada nas discussões com auxílio da análise construtivista das três resoluções que abordam restrições sobre usos e costumes para as mulheres desta religião. Para iniciar a abordagem apresenta-se a origem da IEAD.

A origem da Assembleia de Deus no Brasil

“O protestantismo brasileiro tem profundas raízes e vínculos com a Grã-Bretanha, a Alemanha, e os EUA” (REILY, 1984, p. 9). As primeiras tentativas de implantação são com a presença dos huguenotes franceses na chamada França Antártica (1555–1560), seguidas pela experiência do calvinismo holandês no Nordeste durante o governo de Maurício de Nassau (1630–1654) (REILY, 1984). Contudo, esses episódios não tiveram continuidade e a hegemonia católica se manteve. Até que, em 1810, por meio do Tratado de Aliança e Amizade entre Portugal e Inglaterra, o Brasil abriu espaço para estrangeiros protestantes (REILY, 1984).

Em 1910, a igreja Católica celebrava missas em latim, a igreja Luterana, cultos em alemão, a igreja Anglicana em inglês, a igreja Congregação Cristã do Brasil, em italiano, e as demais igrejas protestantes existentes na época em uma linguagem teológica anglo-saxônica; espiritismo ainda era caso de polícia e as religiões afro, como religião, nem sequer eram nomeadas (ALENCAR, 2000). Assim, de um lado tinha-se uma densa institucionalização religiosa da igreja Católica e demais denominações protestantes, e de outro, uma religiosidade marginal não aceita tanto dentro da própria igreja Católica como nas expressões afro (ALENCAR, 2000). Há,



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

portanto, um imenso campo entre estas duas realidades, e é neste momento que a Assembleia de Deus (AD) surge, com grande potencial de crescimento entre os pobres e menos favorecidos na sociedade (ALENCAR, 2000).

O nascimento da AD no Brasil se deu por meio de Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários suecos vindos dos EUA, que desembarcam no porto de Belém, em 5 de novembro de 1910, desconhecendo completamente a região, sem apoio financeiro de nenhuma igreja, sem o auxílio de nenhum conhecido e sem o mínimo conhecimento da língua (CONDE, 1960). Por terem sido ligados à igreja Batista nos EUA, neste contexto, são encaminhados a uma congregação da igreja Batista, aonde são acolhidos (CONDE, 1960).

Berg e Vingren, são dois imigrantes suecos afetados pela “febre das Américas”, em que milhares de europeus pobres impulsionados pela crise sueca do século XX vão em busca de riqueza nos EUA (Alencar, 2000). Apesar de nascidos no mesmo país, os suecos se conhecem e tornam-se amigos nos EUA, em Chicago, quando conhecem a doutrina pentecostal, movimento liderado por W. J. Seymour, em Los Angeles (CONDE, 1960). O sueco Daniel Berg Högberg (1884-1963), não possuía formação teológica formal ou contava com experiência como pastor (ALMEIDA J., 2007). Já o também sueco Adolph Gunnar Vingren (1879-1933), possuía formação teológica no Seminário Teológico Batista Sueco de Chicago, e experiência como pastor junto à Primeira Igreja Batista nos EUA, e experiência missionário no interior da Suécia (ALMEIDA J., 2007).

Após alguns meses de vivência na Igreja Batista no Brasil, Berg e Vingren vivem divergências teológicas na comunidade religiosa e desligam-se da igreja Batista. Seguidos de aproximadamente 17 membros da igreja Batista, que abraçam as práticas Pentecostais, os missionários, em 18 de junho de 1911, fundam a igreja chamada Missão de Fé Apostólica⁴, que em 1916 ganha o nome de A Fé Apostólica Restaurada, e em 11 de janeiro de 1918 é registrada oficialmente como Assembleia de Deus⁵ (ALENCAR, 2000; DANIEL, 2004). Nos primeiros anos de existência, o grupo pentecostal foi liderado pelos suecos, em especial por Gunnar Vingren (REIS, 2020). Superado os desafios iniciais, a comunidade religiosa cresceu no Estado do Pará em seus primeiros dois anos

⁴ A escolha do nome foi inspirada no título do jornal editado pelo pastor William J. Seymour, líder da congregação pentecostal mais famosa no início do século 20, que funcionou de 1906 a 1909 na Rua Azusa, 312, Los Angeles, Califórnia, EUA (DANIEL, 2004).

⁵ O movimento Pentecostal teve seu início oficial em Kansas. Quando esse movimento se espalhou pelos EUA, a primeira reação das igrejas tradicionais foi excluir os que abraçavam a mensagem pentecostal. Com isso, de 1901 a 1914, surgiram igrejas com nomes variados. Porém, em 1914, os líderes dessas igrejas resolveram unir-se e fundiram em uma única igreja, denominada Assembleia de Deus. Quando os suecos no Brasil souberam, acharam por bem admitir o mesmo nome (DANIEL, 2004).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

(ALENCAR, 2000). Em 1914, avança para o estado do Ceará, e, em 1915, chega a Alagoas. Também em 1915, especificamente no mês de agosto, Vingren sai de férias em direção aos EUA e Europa e só retorna em agosto de 1917, acompanhado de Frida Strandberg, que se torna sua esposa (ALMEIDA J., 2007). Após o casamento de Gunnar e Frida, uma nova concepção instalava-se no protestantismo brasileiro, acostumado com a exclusividade masculina no comando da igreja. Frida, após dominar parcialmente a língua, durante a ausência de Gunnar, tomou a direção da liturgia do culto em algumas ocasiões, mesmo com a presença de oficiais (ALMEIDA J., 2007).

Essa novidade, desagradou a muitos assembleianos, mesmo levando em consideração o fato de que Frida tinha amplo conhecimento teológico, pois seus estudos abrangiam a conclusão do seminário protestante, na Suécia. Alguns líderes assembleianos protestaram contra a presença da mulher na direção dos cultos e essa atitude de Frida era motivo de discórdias, e colocava em lados diferentes, líderes que divergiam entre si, inclusive Berg e o casal Vingren. Para Gunnar e Frida as mulheres deveriam ter os direitos mais amplos, no entanto, Daniel Berg não concordava com mulheres na liderança da igreja. Essa atitude de Gunnar incomodou a liderança brasileira, o que possivelmente motivou ele e sua esposa mudarem para o Rio de Janeiro em 1924 (ALMEIDA J., 2007).

Um forte contribuinte na expansão da implantação de unidades da igreja no país foi o processo migratório urbano. A partir do declínio do ciclo da borracha, em 1918, centenas de migrantes de outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, que buscavam nos seringais do Norte oportunidades de trabalho, deixavam Belém em direção a suas cidades de origem. É neste retorno que muitos migrantes, homens simples e iletrados, agora convertidos ao movimento pentecostal contribuem na implantação de igrejas nas regiões até então dominadas pelo Catolicismo ou não alcançadas pelo Protestantismo Tradicional (REIS, 2010).

Em 1920, a Assembleia já havia ampliado os horizontes para oito estados do Brasil. As principais regiões a aderirem o pentecostalismo foram Norte e Nordeste, pois o caráter essencialmente proselitista não exigia erudição da parte dos membros para compreender a doutrina, favorecendo a identificação dos fundadores com os grupos mais pobres dessas regiões (ALMEIDA J., 2007).

A liderança das igrejas Assembleia de Deus, de 1911 à 1930, foi exercida por Daniel Berg e Gunnar Vingren. Entretanto, é importante ressaltar que além dos missionários suecos e os brasileiros, outros estrangeiros suecos vieram ao Brasil para auxiliar na liderança e nos trabalhos (ALMEIDA J., 2007).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Com o crescimento do movimento em todo o território brasileiro, surgiu a necessidade da liderança em realizar “reuniões periódicas de âmbito nacional com o propósito de manter a identidade e a unidade doutrinária da Assembléia de Deus, e resolver questões de ordem interna e externa” (DANIEL, 2004, p. 19). Com esses objetivos, no ano de 1930, na cidade de Natal, nasceu a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), “o órgão máximo da maior denominação evangélica brasileira” (DANIEL, 2004, p. 19). Compreendida a trajetória inicial da IEAD, a seguir, descreve-se a oficialização das restrições quanto à estética feminina.

Os usos e costumes pentecostais

Segundo Alencar (2010) e Reis (2020), a Assembleia de Deus no Brasil, nunca publicou um regimento interno, cujas regras estabelecidas por sua liderança geral (CGADB), regulamentassem os atos e posturas de sua membresia. Sendo que o controle de tais atos e posturas pertencem as igrejas locais, por meio dos pastores locais que, ligados à CGADB e orientados pelos órgãos doutrinário-padronizadores da denominação exercem indiretamente tal função (REIS, 2020). Entretanto, ao longo da história da Assembleia de Deus, três convenções da CGADB colocaram em pauta as discussões dos usos e costumes. No ano de 1946, 1975 e 1999 (REIS, 2020).

Segundo Corobim (2008, p. 10), “costumes são as maneiras normais e habituais de um grupo fazer as coisas. São traços ou padrões culturais que distinguem as comunidades, sendo transmitidos de geração para geração (entre os membros dessa comunidade)” Ainda para este autor, os costumes religiosos são “regras de conduta (*folkways* e *mores*) mantidos por determinada instituição religiosa” (COROBIM, 2008, p. 10).

Os chamados “usos e costumes” referem-se a uma expressão utilizada pelos pentecostais para se referir as regras internas impostas, “[...] com relação à forma de se vestir, esportes, o uso da televisão, cinema, danças e várias práticas de diversão” (ALMEIDA J., 2007, P. 6). As regras, apesar de muito rigorosas nas primeiras décadas do século 20, foram passando por um processo de flexibilização nas últimas décadas, e o estilo de vida e os hábitos construídos e desenvolvidos pelos líderes das Assembleias de Deus no Brasil, impostos sobre os seus membros, se relativiza na modernidade (ALMEIDA J., 2007).

Baseado no livro “História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil”, que apresenta um registro sistemático da memória institucional da CGADB, publicado pela Casa Publicadora das Assembleias de



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Deus (CPAD), a primeira Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CGADB, que tratou do assunto dos usos e costumes, ocorreu em Recife. “Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os missionários e obreiros de todo o país marcaram o próximo encontro nacional para os dias 21 a 28 de outubro de 1946” (DANIEL, 2004, p. 209). Na ocasião, o pastor José Teixeira Rego, inicia um dos debates mais marcantes da Convenção de 1946, lendo uma publicação no jornal Mensageiro da Paz. “O artigo em questão tratava-se das resoluções tomadas pelo presbitério da Assembleia de Deus (AD) em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, assinadas em nome do ministério da igreja e impondo regras de vestimenta às irmãs” (DANIEL, 2004, p. 218). O texto foi publicado na página 3 da edição da 1º quinzena de julho de 1946, exatamente como se segue:

As Assembleias de Deus, tanto neste país como em todo o mundo, estão hoje em dia em grande perigo de serem invadidas pelo espírito de mundanismo, como tem acontecido às igrejas das denominações; e, quando isso acontece, o Espírito Santo fica triste e sem liberdade de ação e, por fim, tem que retirar-se, tanto do crente em particular como de uma igreja, onde esse espírito terrível tem liberdade de entrar. Deus sabia desde o princípio que a mulher é a parte mais fraca e mais facilmente tentada para a vaidade, por isso falou nas Sagradas Escrituras como as mulheres que professam o nome de Jesus devem vestir-se e pentear-se (1Pe 3.1-5 e 1Tm 2.9-10). O ministério desta igreja sente uma grande responsabilidade, especialmente entendendo que esta igreja é a igreja-mãe de todas as igrejas do Distrito Federal e do Estado do Rio, e mesmo de mais algumas além das fronteiras deste Estado. Por isso, este ministério, com os irmãos membros da mesma, sentem que esta igreja deve ser um exemplo de modéstia e santidade para todas as igrejas consideradas filhas. Ainda mais, a igreja está situada na capital federal e, portanto, deve ser um exemplo para todas as igrejas no Brasil. Em vista do exposto, a igreja unanimemente, na sua sessão ordinária de 4 de junho de 1946, resolveu o seguinte:

- 1) Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado, tingido, permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e Rei.
- 2) Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas.
- 3) Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos, professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam.
- 4) Esta resolução regerá também todas as congregações desta igreja.
- 5) As irmãs que não obedecerem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminando este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião.
- 6) Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus.

Estamos certos de que todas as irmãs que amam ao Senhor Jesus cumprirão, com gozo, o que foi resolvido pela igreja (DANIEL, 2004, p. 218-219).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A polêmica publicação ficou conhecida como a “Resolução de São Cristóvão” (REIS, 2020). Segundo Daniel (2004), os comentários da época dão conta de que as resoluções foram influenciadas pelas críticas da Assembléia de Deus de Madureira, que era muito rígida na área de costumes. Naquela época, os crentes de Madureira, que já seguiam todas aquelas regras mencionadas na resolução, “consideravam as irmãs de São Cristóvão muito “liberais” em sua forma de vestir e pentear. Por outro lado, apesar de as resoluções de São Cristóvão terem sido atribuídas ao presbitério da igreja, sabe-se que Gunnar Vingren e Otto Nelson foram os missionários suecos mais rígidos em termos de vestimentas” (DANIEL, 2004, p. 220).

As decisões publicadas pela unidade da igreja AD em São Cristóvão, não apenas foram rejeitadas pelos presentes, como também exigiram uma retratação, por meio de uma nota e um artigo de esclarecimento, publicados também no jornal Mensageiro da Paz (DANIEL, 2004). A retratação da igreja carioca foi publicada na segunda quinzena de janeiro de 1947, assim como segue (DANIEL, 2004, p. 222):

AVISO: O Ministério da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro deseja fazer público que, de acordo com a igreja, retira as regras publicadas no Mensageiro da Paz da 1ª quinzena de julho, estabelecidas para as irmãs membros da igreja, pois sem elas as irmãs obedecem a Palavra de Deus.

Já em 1975, na cidade de Santo André, no estado de São Paulo, “o pastor Geziel Nunes Gomes leu, a pedido do pastor Túlio Barros Ferreira, uma proposta de normas referentes a usos e costumes das Assembleias de Deus no Brasil” (DANIEL, 2004, p. 438). Após a sua leitura, a proposta foi aprovada por unanimidade, exatamente como se segue (DANIEL, 2004, p. 438-439):

'E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meus' (Lv 20.26)
A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus - a Bíblia Sagrada - e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte: 1) Uso de cabelos crescidos pelos membros do sexo masculino; 2) Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino; 3) Uso de pinturas nos olhos, unha e outros órgãos da face; 4) Corte de cabelo por parte das irmãs (membros ou congregados); 5) Sobrancelhas alteradas; 6) Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; 7) Uso de aparelho de televisão, convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas, abstenção essa que se



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde; 8) Uso de bebidas alcoólicas. Esta Convenção resolve manter relações fraternais com outros movimentos pentecostais, desde que não sejam oriundos de trabalhos iniciados ou dirigidos por pessoas excluídas das Assembléias de Deus, bem como manter comunhão espiritual com os movimentos de renovação espiritual, que mantenham os mesmos princípios estabelecidos nesta resolução. Relações essas que devem ser mantidas com prudência e sabedoria, a fim de que não ocorram possíveis desvios das normas doutrinárias esposadas e defendidas pelas Assembléias de Deus no Brasil

Desta forma, os usos e costumes foram, pela primeira vez, oficializados, tornando-se prática obrigatória a todas as igrejas ligadas à CGADB. “Desde o princípio das Assembléias de Deus no Brasil, sempre houve regras quanto a costumes, mas elas nunca haviam sido colocadas de forma oficial. A primeira vez que se tentou fazer isso, a Convenção Geral desaprovou, no conclave realizado em Recife, em 1946” (DANIEL, 2004, p. 439).

Anos mais tarde, “um dos temas mais polêmicos nos debates convencionais de 1999 foi a questão dos usos e costumes” (DANIEL, 2004, p. 613). Devido à dificuldade de se chegar a uma conclusão sobre o assunto, “para tratar do tema usos e costumes, foi aprovada a proposta da mesa diretora para que o assunto fosse discutido no próximo Encontro de Líderes das Assembléias de Deus (Elad)” (DANIEL, 2004, p. 613).

Em abril de 2011, na cidade de Cuiabá, a CGADB, em sua 40ª Assembleia Geral Ordinária (AGO), sob a presidência do pastor José Wellington Bezerra da Costa, validou e atualizou a chamada Resolução ELAD. Desta forma, é proibido (COROBIM, 2008, p.15):

1) Ter os homens cabelos crescidos (1Co.11,14), bem como fazer cortes extravagantes; 2) As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1Tm.2.9,10); 3) Uso exagerado de pintura e maquiagem – unhas, tatuagens e cabelos (Lv.19.28; 2Rs.9.30); 4) Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1Co.11.6,15); 5) Mal uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1Co.6.12; Fp.4.8); 6) Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv.20.1; 26.31; 1Co.6.10; Ef.5.18).

Análise e discussões

Diante do exposto, e antes de observar individualmente cada resolução, traçando um paralelo com o contexto histórico de cada período, torna-se relevante considerar os anos que antecederam estes fatos, pois já existiam alguns costumes – não oficiais – implantados na comunidade pelos suecos, como “normas santificantes”,



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que foram mescladas de “[...] conhecimentos adquiridos entre seu país de origem, o tempo de sua convivência e aprendizado sobre pentecostalismo na América do Norte, a convivência com os irmãos que foram excluídos da Igreja Batista, em Belém” (ALMEIDA J., 2007, p.48). A estes costumes, incluíam-se itens a respeito de alimentação, cultura, vestuário e comportamento social (ALMEIDA J., 2007). Outro fato, é que, desde os primeiros dias de sua existência no Brasil, um questionamento recorrente que o movimento recebe, é em relação a vestimenta das mulheres, que em um lugar tão quente como o norte e nordeste do Brasil, cobriam-se da cabeça aos pés. Almeida (2007) afirma que é possível que o costume de se apresentar com o corpo totalmente coberto seja não somente uma prova de pureza, mas também uma continuação dos costumes do Norte do planeta, ou seja, particularmente da Suécia e do EUA, de onde vieram Berg e Vingren, bem como grande parte da liderança atuante.

Ressalta-se também que, no período do surgimento da AD no Brasil, em 1911, a Europa vivia a chamada *Belle Époque* e que, apesar de um período de muita sofisticação e luxo, a vestimenta das mulheres cobria a maior parte do corpo, bem como o vestido e a saia eram vestimentas habituais para todas as mulheres, independentemente de sua religião (BRAGA, 2007). No Brasil, neste mesmo período, a realidade era de um país colônia de Portugal, onde só havia teares para fabricar os tecidos grossos de algodão usados pelos negros. Assim, o Brasil era condicionado a seguir os modos da moda europeia, onde as mulheres usavam saia, vestido, espartilho, meia, luvas, chapéus, em pleno país tropical com verão de 40 graus (BRAGA, 2007).

Contudo, nos anos seguintes, a moda feminina revelou uma reformulação em sua aparência, em consonância com as mudanças que ocorreriam em seus papéis sociais. Assim, apenas com a chegada da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), começam a surgir as primeiras mudanças nas vestimentas das mulheres e verdadeiros ajustes aos novos tempos. O conflito no solo europeu muda em inúmeros aspectos a humanidade, dentre eles os homens passam a estar no campo de batalha, e sua ausência no campo de trabalho faz com que as mulheres ocupem a posição, independente de suas classes sociais. A necessidade de trabalhar fez com que as mulheres não pudessem mais se apertar em rígidas formas, restringindo os movimentos; desde então, o não uso do espartilho acaba virando moda devido ao novo contexto – mesmo Paul Poiret já tendo feito isso em suas criações no período da *Belle Époque*. As necessidades de trabalho também encurtaram o comprimento das saias e vestidos até à altura das canelas (BRAGA, 2007).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, novos comportamentos começaram a aparecer. A mulher já emancipada, continuou a trabalhar, a ganhar o seu dinheiro e a consumir. As bainhas das saias e dos vestidos continuaram subindo e, em 1925, a mulher mostrou as pernas com comprimento logo abaixo do joelho. Nos anos 1920, o cinema ganhava importância, sendo um grande propulsor de comportamentos socioculturais e, com isso, os Estados Unidos passaram a influenciar também na moda enquanto grande produtor de filmes. A calça comprida tipo pantalone, para mulheres, que já havia sido proposta por Chanel nos anos de 1920, passa a ser usada em 1930, especialmente como saída de praia. Com o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a moda adquire certa “masculinização” influenciada pelos uniformes dos soldados. E, justamente neste mesmo período, a saia-calça se popularizou para as mulheres que utilizavam a bicicleta para locomoção (BRAGA, 2007).

Em 1946, quando surge a primeira oficialização dos usos e costumes na Assembleia de Deus, que apesar de rejeitada pelos presentes, que segundo Reis tinha como objetivo claro questionar a legitimidade da Assembleia de Deus em São Cristóvão, “[...] em publicar exigências comportamentais aos membros da denominação como se autoridade para tal tivesse” (REIS, 2020, p. 12), e não contestar as normas em si, demonstra todo o imaginário existente a respeito do assunto (REIS, 2020). Mesmo não implementadas oficialmente, as regras direcionadas exclusivamente às mulheres, apesar de não especificar o uso da saia como padrão, fala sobre o comprimento do vestido, como deveriam ser os decotes, no caso sem exageros, e que as mangas deveriam ser compridas. Assim, em um contexto onde surgiam as primeiras mudanças nas vestimentas femininas no mundo, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus tenta se manter distinta.

Na resolução de 1975, as restrições abordam o uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã, o que é compatível ao se tratar de uma vida devota. Entretanto, tem-se também, a restrição do uso do traje masculino, uma clara condenação ao uso da calça e um incentivo ao uso de saias e vestidos. Da mesma forma, na última resolução oficializando os usos e costumes, as proibições a respeito da vestimenta das mulheres são objeções ao uso de roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias.

Não por acaso, um fato marcante dos anos 1970 abrange os movimentos feministas, que direcionaram a moda para a praticidade dos modelos femininos, uma vez que as mulheres lutavam por espaços e carreiras. Assim,



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

as mulheres passaram a vestir também ternos, macacões, coletes e calças, buscando se assemelhar aos padrões masculinos da sociedade (LAYER, 1989). Semelhantemente, no contexto do Tropicalismo, um movimento de subversão estética e comportamental, artistas como Gilberto Gil e Caetano Veloso confrontaram os valores conservadores e a ditadura militar brasileira (MARINO, 2020). O uso de cabelos longos transcendia a mera escolha estilística, sendo interpretado pelas autoridades como desafio à masculinidade e à ordem moral do regime. Embora as acusações formais contra eles em dezembro de 1968 fossem de "insulto à pátria" e "subversão", documentos da época descreviam seus visuais como "desvirilizados" (MARINO, 2020).

Neste sentido, observa-se de 1911 a 2011, o uso da saia para as mulheres da IEAD sendo fomentado. Ainda que a última resolução conte também com referências bíblicas para sua justificativa, tal citação é insustentável para a delimitação de uma peça do vestuário como padrão comum para o uso das mulheres. O teólogo Corobim (2008, p. 20), ao analisar na resolução de 2011 as restrições acerca da vestimenta feminina, afirma “[...] que a mulher cristã deve se portar com decência, com decoro, não é apenas uma questão denominacional ou de fé, mas de bom senso, de bom alvitre, atemporal”. Todavia, o mesmo autor pergunta: “[...] como dizer que calça comprida é roupa de homem e vestido ou saia é roupa de mulher? O que dizer dos escoceses que usam saia (kilt)? São porventura menos homens que os brasileiros?” (COROBIM, 2008, p. 20-21). Até mesmo nos tempos bíblicos percebe-se que tal delimitação de gênero não se representa com o uso das vestimentas. Gower (2002, p. 20) afirma que as roupas masculinas e femininas eram bem parecidas, e “[...] em vista de ser tão básica, ela era idêntica para homens e mulheres, exceto que a do homem era geralmente mais curta (na altura do joelho) e a da mulher mais longa (na altura do tornozelo) e azul”. Assim, nem o texto bíblico de 1 Timóteo, ou qualquer outro texto bíblico justifica a definição do uso de uma peça de roupa como obrigatório ou certa para a mulher cristã. A escolha da vestimenta que representa a mulher cristã é a união de sua cosmovisão, um construto intersubjetivo, coletivo, e sua percepção de mundo, individual, subjetivo e único.

Considerações Finais

A intenção de desenvolver uma pesquisa que analisasse a relação entre fundamentos bíblicos e culturais durante a concepção dos usos e costumes para as mulheres da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, tinha como



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

objetivo principal identificar as influências que impulsionaram a determinação do uso da saia como vestimenta padrão para as mulheres deste movimento pentecostal no Brasil. Assim, a análise revelou que a determinação do uso da saia tem relação direta com o contexto histórico dos anos em que as resoluções dos usos e costumes foram oficializadas pela CGADB, em 1946, 1975 e 1999, bem como, é o resultado da influência de seus fundadores e líderes imigrantes da Europa e Estados Unidos da América.

Primeiramente, pontua-se que a construção de qualquer novo movimento ou religião, começa sempre pela desconstrução de uma ideologia em evidência. Assim, a Assembleia de Deus contou como diferencial desde suas vestes até a maneira de falar, como comprovação de evidência de santidade, uma simbologia de separação dos demais. Em segundo lugar, pontua-se o uso da saia como forma visível de contestação a qualquer novo movimento que se utiliza-se da estética como meio para buscar igualdade de gênero na sociedade, ou coloca-se em risco a crença na distinção entre as identidades de gênero, minimizando a binariedade normativa entre homem e mulher. Por conseguinte, o próprio movimento da Assembleia utilizou-se da estética, com a apropriação de códigos culturais associados à feminilidade, ou seja, a saia, para a reafirmação da crença na distinção entre as identidades de gênero, reforçando a binariedade normativa entre homem e mulher como expressão de uma ordem divina. Em terceiro lugar, pontua-se a disseminação do uso da saia como vestimenta padrão aceitável para as mulheres, como uma forma facilitadora de implementar a doutrina bíblica para pessoas iletradas, sendo que em seu contexto inicial a capacidade de leitura e interpretação dos preceitos bíblicos a respeito das roupas era algo distante para muitos.

Assim, entende-se que a estética pode ser utilizada como uma espécie de comprovação de devoção e diferenciação, bem como é utilizada por boa parte dos membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Entretanto, não se pode atribuir a esta estética valor normativo bíblico, ou, forma de identificação para quem segue ou não os ensinamentos bíblicos. Concernente às contribuições desta pesquisa, espera-se fomentar discussões acerca da vestimenta da mulher a partir da cosmovisão cristã protestante, e contribuir para o avanço na produção científica sobre o tema moda modesta. Não sob um olhar superficial sobre esta inclusão da mulher evangélica no consumo de moda, mas buscando questionar esta estética e seus padrões impostos. No que tange às limitações e recomendações para futuras pesquisas, acredita-se que os resultados aqui apresentados possam ser enriquecidos com outras formas de análises, incluindo, por exemplo, uma análise sobre a motivação das mulheres



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que atualmente mantem a prática do uso da saia, tal como uma investigação sobre o uso do terno como vestimenta masculina padrão para os homens do movimento pentecostal. Sugere-se, portanto, que futuras investigações possam explorar a limitação deste artigo, sendo a restrição no período histórico e o gênero feminino. Por fim, agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Edital 18/2024, que possibilitou a realização deste estudo.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus:** Assembleia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946). São Bernardo do Campo, São Paulo: UMESP, 2000.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus:** Origem, militância e construção (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALMEIDA, Joede Braga de. **O sagrado e o profano:** construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/9a16f2a0-f92d-427c-bcac-f1cec82f77db>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- BRAGA, João. **História da moda:** uma narrativa. 5. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.
- CEZAR, M. S. A estética como comprovação da devoção. **dObras[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 4, n. 10, p. 97–105, 2010. DOI: 10.26563/dobras.v4i10.190. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/190>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.
- COROBIM, Antonio Luiz. **Uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB**. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Teologia) - Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008.
- DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL: UMA IGREJA QUE CRESCE ENQUANTO SE FRAGMENTA. **AZUSA**: Revista de Estudos Pentecostais, [S. l.], v. 5, n. 2, 2024. Disponível em: <https://azusa.emnuvens.com.br/revista/article/view/81>. Acesso em: 3 abr. 2025.

FERNANDES, Sílvia. **Christianity in Brazil**: An Introduction from a Global Perspective. Reino Unido, Bloomsbury Publishing, 2021.

GNT. Guerras culturais: a polarização política nas igrejas | Conversa com Bial. [Vídeo]. YouTube, 18 jun. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eaN_RMRXw3o. Acesso em: 20 ago. 2025.

GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Rio de Janeiro : CPAD, 2002.

LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEWIS, Reina. Fashion, shame and pride: Constructing the modest fashion industry in three faiths. In *The Changing World Religion Map: Sacred Places, Identities, Practices and Politics*. p. 2597–2608. DOI: 10.1007/978-94-017-9376-6. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-017-9376-6>. Acesso em: 3 abr. 2025.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

REIS, Roberto dos. A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL E A OFICIALIZAÇÃO DOS USOS E COSTUMES COMO PRESERVAÇÃO DE SUA IDENTIDADE. **Revista de Iniciação Científica da FABAD**, v. 1 n. 01, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabad.edu.br/index.php/RICF/article/view/18/22>. Acesso em: 3 abr. 2025.

SANTIAGO, Aava. Perfil do Instagram. Instagram, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/aavasantiago>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SILVA, Maya Carlos da; PÉPECE, Olga Maria Coutinho. Saias femininas e seus significados para mulheres de religiões distintas. **dObras** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], n. 34, p. 225–247, 2022. DOI: 10.26563/dobras.i34.1487. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1487>. Acesso em: 3 abr. 2025.

MARINO, Rafael. Política e estética na tropicália. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 102, e3510201, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/3510201/2020>.